

FICHA TÉCNICA

Título original: *His Dark Materials – Northern Lights*

Autor: *Philip Pullman*

Copyright © 1995 by Philip Pullman

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2001

Tradução: *Maria do Rosário Monteiro*

Ilustração da capa © Chris Wormell, 2017

Ilustração da capa reproduzida sob autorização da Scholastic Ltd.

Pré-impresão, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

3.^a edição (1.^a e 2.^a edições na coleção *Estrela do Mar*), Lisboa, julho, 2003

Reimpressão, Lisboa, janeiro, 2018

Depósito legal n.º 269 836/08

A tradutora não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A sua aplicação, após a entrega da tradução, deve-se à política da Editorial Presença para os livros destinados ao público juvenil.

Reservados todos os direitos

para Portugal, à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE: OXFORD

1. A Garrafa de Vinho Tokay	13
2. O Norte.....	26
3. O Mundo de Lyra	40
4. O Aletiómetro	68
5. A Festa	80
6. As Redes de Arremesso.....	94
7. John Faa	104
8. A Frustração	120
9. Os Espiões	129

SEGUNDA PARTE: BOLVANGAR

10. O Cônsul e o Urso	147
11. A Armadura.....	164
12. O Rapazinho Perdido	182
13. Uma Lição de Esgrima.....	191
14. As Luzes de Bolvangar.....	205
15. As Gaiolas de Génios.....	219
16. A Guilhotina Prateada.....	233
17. As Feiticeiras.....	245

TERCEIRA PARTE: SVALBARD

18. Gelo e Nevoeiro.....	267
19. O Cativoiro.....	282
20. O Combate até à Morte	298
21. As Boas-Vindas de Lorde Asriel.....	312
22. A Traição.....	326
23. A Ponte para as Estrelas	334

*Neste vasto abismo,
O ventre da natureza e talvez a sua campa,
Nem de mar, nem de terra, nem de ar, nem de fogo,
Mas de tudo isto nas suas formas fecundantes misturadas
Confusamente, eternamente lutando,
A não ser que o criador todo-poderoso lhes ordene
As suas matérias obscuras para criarem novos mundos,
Neste vasto abismo o inimigo matreiro
Parou à beira do inferno e olhou por um momento,
Ponderando a sua viagem...*

John Milton, *Paradise Lost*, Livro II

Os Reinos do Norte constitui a primeira parte de uma história em três volumes.

Os acontecimentos narrados no primeiro volume ocorrem num universo semelhante ao nosso, embora diferente em muitos aspetos.

O segundo volume narra acontecimentos que decorrem no universo que conhecemos.

No terceiro volume, viajaremos entre os universos.

A GARRAFA DE VINHO TOKAY

Lyra e o seu génio atravessaram o grande refeitório que mergulhava lentamente na penumbra, tendo o cuidado de se deslocarem encostados à parede para não serem vistos da cozinha. As três grandes mesas que ocupavam toda a extensão da sala já estavam postas para a refeição que se avizinhava, as pratas e os cristais captando a pouca luz do salão e os longos bancos colocados junto às mesas, prontos para receberem os convidados. As paredes estavam decoradas com os retratos dos anteriores Mestres. Lyra aproximou-se do estrado, olhou para trás, para a porta aberta que dava para a cozinha, e, não vendo ninguém, subiu-o e ficou de pé ao lado da mesa principal. Aqui, os lugares tinham talheres de ouro, e não de prata, e, em vez de bancos de carvalho, havia catorze cadeiras de mogno com almofadas de veludo.

Lyra parou junto da cadeira do Mestre e bateu delicadamente com a ponta do dedo no copo maior. O som soou cristalino através do refeitório.

— Não estás a levar isto a sério — murmurou o génio de Lyra.
— Comporta-te como deve ser.

O génio de Lyra chamava-se Pantalaimon e, naquele momento, assumia a forma de uma traça castanho-escura a fim de passar despercebido na escuridão do refeitório.

— Eles estão a fazer demasiado barulho na cozinha para poderem ouvir — respondeu Lyra num murmúrio. — E o Económico só chega depois do primeiro toque. Não te preocupes.

Mas, mesmo assim, Lyra colocou a mão sobre o copo que tilintava enquanto Pantalaimon, batendo freneticamente as asas, se dirigiu para

a porta ligeiramente entreaberta que dava para a Sala Reservada, situada do outro lado do estrado. Momentos depois reapareceu.

— Não está ali ninguém — murmurou. — Mas temos de agir depressa.

Acocorando-se atrás da mesa alta, Lyra gatinhou ligeira e entrou na Sala Reservada, onde se levantou e olhou em volta. A única luz que iluminava aquele espaço era a que provinha da lareira, onde os troncos de lenha incandescentes pareceram acalmar ligeiramente quando ela olhou, lançando uma vaga de fagulhas para a chaminé. Lyra vivera a maior parte da sua vida no Colégio, mas nunca antes entrara na Sala Reservada; apenas os Académicos e os seus convidados tinham autorização para entrar ali, e nunca fora permitida a entrada de uma mulher naquele espaço. Nem mesmo as criadas faziam a limpeza da Sala Reservada. Essa era uma função que competia exclusivamente ao Mordomo.

Pantalaimon poisou no ombro de Lyra.

— Já estás satisfeita? Podemos ir-nos embora? — perguntou num murmúrio.

— Não sejas palerma! Quero dar uma vista de olhos a isto!

Era uma sala grande, com uma mesa oval de pau-rosa polido sobre a qual estavam colocadas várias garrafas de cristal e copos, bem como um moinho de tabaco prateado e um porta-cachimbos. No aparador, colocado perto da mesa, estava um queimador a álcool e um cesto com cabeças de papoilas.

— Eles não se tratam nada mal, pois não, Pan? — exclamou Lyra em voz baixa.

Sentou-se numa das cadeiras de braços forradas de couro verde. Era tão funda que Lyra quase ficou deitada, mas endireitou-se e sentou-se sobre as pernas dobradas para poder observar os retratos pendurados nas paredes. Eram provavelmente de antigos Mestres: envergavam togas e as faces, com longas barbas e olhares sombrios, observavam-na com uma censura muda e solene.

— Sobre o que é que tu achas que eles falam? — perguntou Lyra, ou pelo menos começou a perguntar, porque, antes de terminar a frase, ouviu vozes do outro lado da porta.

— Atrás da cadeira... depressa! — murmurou Pantalaimon e, como um relâmpago, Lyra saltou da cadeira e acocorou-se atrás desta. Não era propriamente um bom esconderijo: Lyra tinha-se sentado numa das cadeiras que estavam colocadas no meio da sala e se não se mantivesse muito quieta...

A porta abriu-se e a luz da sala modificou-se: um dos recém-chegados trazia um candeeiro que colocou sobre o aparador. Lyra conseguia ver as pernas das calças verde-escuras e os sapatos pretos brilhantes. Era um criado.

Depois souu uma voz profunda que perguntou: — Lorde Asriel já chegou?

Era o Mestre. Enquanto sustinha a respiração, Lyra observou o génio do criado (uma cadela, como acontecia com a maioria dos génios dos criados), que entrou trotando na sala e depois se sentou calmamente junto do seu ser humano. Subitamente, os pés do Mestre ficaram também visíveis, enfiados nos sapatos pretos gastos que sempre usava.

— Não, Mestre — respondeu o Mordomo. — Também ainda não nos chegaram notícias da Aerodoca.

— Penso que ele virá com fome. Quando chegar, condu-lo diretamente ao Refeitório, está bem?

— Muito bem, Mestre.

— Já decantaste um pouco daquele Tokay especial para ele?

— Sim, Mestre. Da colheita de 1898, como haveis ordenado. Sua Senhoria é um grande apreciador da colheita desse ano, recordo-me bem.

— Ótimo. Agora deixa-me só, por favor.

— Vai precisar do candeeiro, Mestre?

— Sim, deixa-o também. Durante o jantar não te esqueças de vir espevitatar o pavio do candeeiro, está bem?

O Mordomo fez uma ligeira vénia e virou-se, preparando-se para abandonar a sala, o seu génio trotando obedientemente atrás de si. Do seu esconderijo, que deixava muito a desejar, Lyra observou o Mestre, que se dirigiu para um pesado armário de carvalho situado num dos cantos da sala, retirou uma beca do cabide e vestiu-a devagar. O Mestre tinha sido um homem desenvolto, mas já passara há muito dos setenta anos e os seus movimentos eram agora rígidos e lentos. O génio do Mestre tinha a forma de uma corva e, assim que o homem acabou de vestir a beca, ela desceu do armário e colocou-se no seu lugar preferido, sobre o ombro direito do Mestre.

Lyra conseguia sentir Pantalaimon eriçar-se devido à ansiedade, apesar de ele não fazer qualquer barulho. Quanto a ela, sentia-se agradavelmente excitada. A visita referida pelo Mestre, Lorde Asriel, era tio dela, um homem que Lyra muito admirava e temia simultaneamente. Dizia-se que ele estava envolvido na alta política, em pesquisas

secretas, em guerras distantes e ela nunca sabia quando é que o tio iria aparecer. Ele era cruel: se a apanhasse ali, naquela sala, seria severamente punida, mas isso era algo que Lyra conseguia suportar.

Contudo, o que observou depois alterou completamente os seus planos iniciais.

O Mestre tirou do bolso um papel dobrado e colocou-o sobre a mesa. Retirou a rolha do gargalo da garrafa de cristal que continha o vinho excepcional, desdobrou o papel e deitou um fio de pó branco dentro da garrafa antes de amarrotar o papel e o deitar no fogo que ardia na lareira. Depois, tirou um lápis do bolso e mexeu o vinho até o pó se dissolver completamente e voltou a colocar a rolha na garrafa.

A corva soltou um breve grasnido. O Mestre murmurou uma resposta e olhou em volta, com os olhos semicerrados e enevoados, antes de sair da sala pela mesma porta por onde tinha entrado.

Lyra murmurou: — Viste aquilo, Pan?

— É claro que vi! Agora despacha-te antes que o Ecónomo chegue!

Contudo, mal acabou de falar, ouviu-se o som da campainha ecoar uma vez no outro extremo do Refeitório.

— É a campainha do Ecónomo! — exclamou Lyra. — Pensava que teríamos mais tempo.

Pantalaimon voou rápido até à porta que dava para o Refeitório e regressou depressa.

— O Ecónomo já está ali — exclamou. — E tu não podes sair pela outra porta...

A outra porta, aquela pela qual o Mestre tinha entrado e saído, dava para o movimentado corredor que ligava a Biblioteca à Sala Comum dos Académicos. Àquela hora do dia estaria apinhado de homens vestindo as suas becas para o jantar e apressando-se a deixar as pastas na Sala Comum, antes de entrarem no Refeitório. Lyra tinha planeado sair pelo mesmo caminho por onde tinha entrado, contando ter ainda alguns minutos antes de a campainha do Ecónomo soar.

E se não tivesse observado o Mestre a deitar aquele pó no vinho, ela até podia ter arriscado a explosão de fúria do Ecónomo, ou ter mesmo tentado passar despercebida no corredor apinhado. Mas Lyra estava confusa e isso fez com que hesitasse.

Então Lyra escutou o som de passos pesados sobre o estrado. O Ecónomo entrava para se certificar de que a Sala Reservada estava pronta para que os Académicos saboreassem as papoilas e o vinho depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho, abriu uma das portas e escondeu-se lá dentro, fechando a porta no momento

exato em que o Ecónomo entrava na Sala. Ela não receava por Pantalaimon: a sala estava cheia de sombras coloridas e ele podia sempre esconder-se debaixo de uma cadeira.

Lyra podia ouvir a respiração asmática do Ecónomo e, através da pequena abertura que ficara ao não fechar completamente a porta do armário, observou-o a endireitar os cachimbos e a deitar uma olhadela às garrafas e aos copos. Depois, ele alisou o cabelo sobre as orelhas, com as duas mãos, e disse qualquer coisa ao seu génio. Como ele era um criado, o seu génio era uma cadela; mas como era um criado de uma categoria superior, também a cadela era de raça. Na realidade, tinha a forma de uma *setter* vermelha. A cadela parecia desconfiada, andando em volta da sala como se pressentisse a presença de um intruso, mas não se dirigiu ao armário, para profundo alívio de Lyra. Lyra tinha medo do Ecónomo, que já lhe batera por duas vezes.

Lyra escutou um ligeiro murmúrio. Obviamente Pantalaimon tinha conseguido esgueirar-se para junto dela.

— Agora vamos ter de ficar aqui. Porque é que nunca *me* dás ouvidos?

Lyra não respondeu até o Ecónomo ter saído. Era função dele supervisionar a forma como era servida a mesa principal; Lyra podia ouvir os Académicos a entrarem no Refeitório, o murmúrio de vozes, o ruído dos pés arrastando-se no chão.

— Ainda bem que não dei — retorquiu Lyra num murmúrio. — Ou não teríamos visto o Mestre a deitar veneno no vinho. Pan, aquele era o Tokay de que ele falou ao Mordomo! Eles vão matar Lorde Asriel!

— Tu não sabes se é veneno.

— Oh, é claro que é. Não te lembras, ele mandou o Mordomo embora da sala antes de fazer aquilo? Se era assim tão inocente, não teria feito diferença que o Mordomo visse. E eu sei que se passa qualquer coisa... talvez política. Há dias que os criados falam acerca disso. Pan, nós podemos impedir um assassínio!

— Nunca ouvi uma asneira tão grande — respondeu ele bruscamente. — Como é que achas que vais conseguir ficar quieta durante quatro horas dentro deste armário tão acanhado? Deixa-me ir ver como está o corredor. Eu aviso-te quando estiver livre.

Pantalaimon levantou voo do ombro da rapariga e Lyra viu a pequena sombra do génio aparecer no pequeno raio de luz.

— Não vale a pena, Pan, eu vou ficar aqui — disse. — Está aqui outra beca ou uma coisa parecida. Vou deitá-la no chão e instalar-me confortavelmente. Eu *tenho* de descobrir o que eles fazem.